

QUATRO PESCADORES, ORSON WELLES E A INVENÇÃO DO NORDESTE BRASILEIRO¹

COURTNEY J. CAMPBELL

Professora da University of Birmingham (Inglaterra)

Correio eletrônico: c.j.campbell@bham.ac.uk

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6918-6382>

Recebido: 13/05/2019

Aceito: 28/06/2019

Publicado: 30/06/2019

Em dezembro de 1941, Orson Welles leu um artigo na revista *Time* sobre um grupo de quatro pescadores que, como protesto contra suas condições de trabalho, navegaram aproximadamente 2,5 mil quilômetros da cidade de Fortaleza para o Rio de Janeiro à bordo de uma jangada (ver Mapa)². Sua viagem, que durou 61 dias, tinha a intenção de persuadir o regime estadonovista a reconhecer o trabalho dos pescadores como uma profissão regulamentada dentro dos novos programas sociais e leis trabalhistas. O protesto dos pescadores – Jerônimo André de Souza (Mestre Jerônimo), Manuel Olimpio Meira (Jacaré), Manuel Pereira da Silva (Manuel Preto) e Raimundo Correia Lima (Tatá) – foi exitoso, em parte, devido ao extraordinário suporte da mídia nacional. O protesto também chamou a atenção internacional: o artigo de meia página no *Time* traria Welles para Fortaleza para filmar um episódio para seu filme *It's All True*. Enquanto o filme foi deixado inconcluso, a viagem dos pescadores, e a tentativa de Orson Welles de recriá-la, refletiram e inspiraram debates acerca do significado da região nordestina para o Brasil e o restante do mundo.

Os pescadores eram originários do Nordeste Brasileiro, uma região frequentemente descrita como pobre, atrasada e uma pedra no caminho do progresso do país, além de ser o lugar das raízes da autêntica cultura brasileira, intocada e isolada do mundo³. O termo “Nordeste” passou a ser utilizado pelos documentos governamentais por volta de 1919 como uma forma

¹ Original publicado pela revista *Past & Present*, volume 234, n. 1, 1 Fevereiro 2017, p. 173–212, disponível em: <https://doi.org/10.1093/pastj/gtw052>. Tradução de Edevarde Pinto França Junior.

² “Four Men on a Raft”, *Time*, 8/12/1941.

³ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Nos destinos de fronteiras: história, espaços e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008; MORAIS, Maria Carolina. Faces da intolerância na contemporaneidade. **Revista Leitura Flutuante**, São Paulo, v. 1, n. 4, p.195-206, 2012. Para mais informações sobre o nordeste brasileiro, ver CAMPBELL, Courtney J.. History of the Brazilian Northeast. **Oxford Bibliographies Online Datasets**, [s.l.], p.0-0, 30 jun. 2014. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1093/obo/9780199766581-0160>.

para se referir à região da seca⁴. Antes desta época, não havia “Nordeste”, apenas região “Norte” ou “Sul”. Na década de 1920, um grupo de intelectuais (o mais proeminente deles era o renomado sociólogo Gilberto Freyre, autor de *Casa Grande e Senzala*) organizaram uma coleção de ensaios e uma conferência no Recife para definir a região em relação à sua história e cultura⁵. O censo de 1940 foi o primeiro a dividir o país em regiões, reunindo sob a denominação “Nordeste” os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas⁶. O censo de 1950 adicionaria o arquipélago de Fernando de Noronha, enquanto que os estados da Bahia e Sergipe não se juntariam à região antes do censo de 1970⁷. O protesto dos pescadores resultou na intensificação do controle sobre esta recém-definida região, desenhada pelo mais moderno aparato legal do estado centralizado, ao passo que leis e mecanismos eram criados para manter a vigilância sobre a população. Ao mesmo tempo, gerou um arquétipo da região nordestina, que forneceu um atalho para a discussão sobre o Nordeste em termos culturais e de etnicidade, atribuindo características à sua população sob a chave da racialização e do folclórico, unindo num mesmo espaço o sertão semi-árido ao litoral tropical⁸.

O estudo das regiões produziu uma larga historiografia. Inicialmente, geógrafos estudaram as regiões para evitar dogmatismos durante a formulação de conhecimentos gerais acerca do mundo e depois, como parte da “nova geografia humana”, focada no estudo da interação entre pessoas, lugares e espaços⁹. Historiadores também estudaram a formação de regiões, regionalismos e identidade regional, geralmente como uma consequência do processo de

⁴ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2009, p. 81.

⁵ FREYRE, Gilberto (org.). **Livro do Nordeste**: comemorativo do 1º centenário do Diário de Pernambuco: 1825-1925. 2.ed. Recife: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, 1979. A primeira edição foi publicada em 1926.

⁶ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Recenseamento Geral do Brasil, 1. Set. 1940**: Sinopse do Censo Demográfico, Dados Gerais. Rio de Janeiro, IBGE, 1946.

⁷ *Idem*. **Estatísticas históricas do Brasil**: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988. 2. ed. rev. e atual. do v. 3 de "Séries estatísticas retrospectivas". Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

⁸ Outro arquétipos regionais são o bandido e o fanático religioso, descritos em LEWIN, Linda. The oligarchical limitations of social banditry in Brazil: the case of the “good” thief Antonio Silvino. **Past And Present**, [s.l.], v. 82, n. 1, p.116-146, 1979; QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Os Cangaceiros**: les bandits d'honneur brésiliens. Paris: Julliard, 1968; HOBBSAWM, Eric. **Bandits**. New York: Delacorte Press, 1969; QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Messiahs in Brazil. **Past & Present**, Oxford, n. 31, p.62-86, jul. 1965.

⁹ CAMPBELL, Courtney J.. Space, Place and Scale: Human Geography and Spatial History in Past and Present. **Past & Present**, [s.l.], p.23-45, 17 maio 2016, publicado pela primeira vez *online* em 17 Maio de 2016, doi: 10.1093/pastj/gtw006; ver também HOLMÉN, Hans. What's new and What's Regional in the ‘New Regional Geography’? **Geografiska Annaler: Series B, Human Geography**, [s.l.], v. 77, n. 1, p.47-63, abr. 1995; PAASI, Anssi. Place and region: regional worlds and words. **Progress In Human Geography**, [s.l.], v. 26, n. 6, p.802-811, dez. 2002; Anssi Paasi, ‘Regions are Social Constructs, but WhoorWhat “Constructs” Them? Agency in Question’, *Environment and PlanningA*, xlii (2010).



formação do nacionalismo¹⁰. Este trabalho é frequentemente localizado dentro dos parâmetros dos estudos da nação e nacionalismo, de autores como Benedict Anderson, Ernest Gellner e Eric Hobsbawm e Terence Ranger, problematizando que as regiões e suas identidades são construções socio-históricas, assim como as nações e as identidades nacionais as quais fazem parte¹¹. Estudos sobre regiões, identidade regional e regionalismo no Brasil têm seguido um caminho similar, examinando o regionalismo como um efeito da centralização do governo nacional, ou destacando que a formação das identidades regionais é uma invenção de intelectuais, artistas, profissionais liberais e burocratas¹². Trabalhos recentes – notadamente os de Stanleu Blake, Scott Ickes e Barbara Weinstein – têm enfatizado a formação da identidade nacional no Brasil como uma categorial racial historicamente construída¹³. Outras pesquisas, mais recentes, afastaram-se da categoria “nação”, destacando a formação das regiões que transcendem as fronteiras nacionais¹⁴.

Por meio da análise dos pescadores, sua viagem, a visita de Orson Welles ao nordeste brasileiro, este artigo examina o papel da região na imaginação e além da nação ao longo do século 20, utilizando relatos jornalísticos, ensaios, música, imagens, filmes e o “Diário dos Jangadeiros” (um álbum de recortes, onde apoiadores de todas as classes sociais deixaram mensagens para os pescadores em cada porto). Enquanto intelectuais interpretaram os

¹⁰ APPLGATE, Celia. A Europe of Regions: Reflections on the Historiography of Sub-National Places in Modern Times. **The American Historical Review**, [s.l.], v. 104, n. 4, p.1157-1182, out. 1999; LOMNITZ-ADLER, Claudio. **Exits from the Labyrinth: Culture and Ideology in the Mexican National Space**. Berkeley: University of California Press, 1992; LOMNITZ, Claudio. **Deep Mexico, Silent Mexico: An Anthropology of Nationalism**. Minneapolis: University Of Minnesota Press, 2001; GUY, Kolleen M. **When Champagne Became French: Wine and the Making of a National Identity**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2003.

¹¹ ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism**. London And New York: Verso, 1983; HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence (Org.). **The Invention of Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.; HOBBSAWM, Eric J.. Nationalism and Nationality in Latin America. In: BAIROCH, Paul et al (Org.). **Pour une histoire économique et sociale internationale: mélanges offerts à Paul Bairoch**. Ganeva: Editions Passé Présent, 1995. p. 313-323; HOBBSAWM, Eric J.. **Nations and Nationalism since 1780: Programme, Myth, Reality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. Em 1992, *Imagined Communities* de Benedict Anderson foi republicado pelo mesmo editor com revisões significativas e adições, aprofundando suas contribuições para o debate sobre o nacionalismo.

¹² WEINSTEIN, Barbara. Brazilian Regionalism. **Latin American Research Review**, Pittsburgh, v. 2, n. 17, p.262-276, 1982; OLIVEN, Ruben George. “O Nacional e o regional na construção da identidade brasileira”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n.2, v.1. 1986; OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação**. Petrópolis: Vozes, 1992; ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **The Invention of the Brazilian Northeast**. Durham, Nc: Duke University Press, 2014.

¹³ BLAKE, Stanley. **The Vigorous Core of Our Nationality: Race and Regional Identity in Northeastern Brazil**. Pittsburgh: University Of Pittsburgh Press, 2011; ICKES, Scott. **African-Brazilian Culture and Regional Identity in Bahia, Brazil**. Gainesville: University Press Of Florida, 2014; WEINSTEIN, Barbara. **The Color of Modernity: São Paulo and the Making of Race and Nation in Brazil**. Durham, Nc: Duke University Press, 2015.

¹⁴ Ver o vasto trabalho de Daniel Bach e Frederik Söderbaum sobre o regionalismo em África, e de Prasenjit Duara sobre o regionalismo na Ásia. Conferir também ROY, Tirthankar. Where is Bengal? Situating an Indian Region in the Early Modern World Economy. **Past & Present**, [s.l.], v. 213, n. 1, p.115-146, 1 nov. 2011.



pescadores e artistas os romantizaram, os jornais publicaram as palavras dos pescadores em artigos e divulgando o “Diário de Bordo”, um relato que Jacaré escreveu ao longo da jornada. No “Diário dos jangadeiros”, pessoas de todas as posições sociais – incluindo outros pescadores – compartilharam seus pontos de vista e descrições dos pescadores, nos oferecendo uma fonte única de todo espectro social, de alto à baixo. Enquanto alguns apenas assinaram seus nomes, outras pessoas escreveram uma página ou mais para os pescadores, descrevendo sua importância e os encorajando em sua jornada. Construído a partir do trabalho de Berenice Abreu, que publicou um relato detalhado dos pescadores no contexto de expansão das leis trabalhistas durante o Estado Novo, e Catherine Benamou, que examinou Orson Welles como uma figura incluída no pan-americanismo, este artigo analisa como os pescadores do Nordeste foram transformados de bravos trabalhadores organizados em inofensivas figuras folclóricas por meio do processo de memória, narração e esquecimento¹⁵.

O exame da história dos pescadores como um momento de definição da regionalidade que transcende fronteiras nacionais nos fornece um caso de estudo significativo de como, na primeira metade do século 20, a nação veio a ser compreendida como uma série de regiões inter-relacionadas, com uma região servindo tanto como bode expiatório quanto raiz da cultura autêntica. Esta compreensão da nação como regiões ainda desigualmente interacionadas desenvolvido por meio de interações que atravessaram as fronteiras nacionais. Como o exemplo dos pescadores no nordeste brasileiro demonstrou, as identidades regionais foram debatidas por e através de diversos setores da sociedade. Elite de intelectuais, atores estatais, trabalhadores, jornalistas, artistas populares e intermediários culturais internacionais incorporaram a luta dos pescadores numa discussão do lugar do Nordeste na nação e no mundo. Uma vez que a equipe técnica do filme foi embora e o protesto continuou, antropólogos, folcloristas e artistas deslocaram o debate, deixando a imagem dos pescadores para servir como um símbolo anônimo e nostálgico do atrasado e corajoso Nordeste, e como instrumento tanto da discussão das características regionais quanto para visualizá-las. Esta imagem, então, não é somente invenção de intelectuais, nem foi somente o reflexo de um trabalho de autênticos trabalhadores ou do nascente Estado Novo. Ao invés disso, os pescadores como um arquétipo foi um produto de uma discussão trans-classista acerca do significado do regional, da classe trabalhadora, do folclore

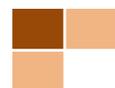
¹⁵ NEVES, Berenice Abreu de Castro. **Jangadeiros**: uma corajosa jornada em busca de direitos no Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012; BENAMOU, Catherine. **It's All True**: Orson Welles's Pan- American Odyssey. Berkeley: University Of California Press, 2007.



e de imagens e espaços antropológicos dentro da nação moderna e do mundo. Ao passo que o debate acerca da escala geográfica da região assumia uma mudança de significado, de local e regional para nacional e internacional, também se modificava o teor da discussão sobre os pescadores e sua região.

A relação entre região, nação e o mundo informa não apenas nossa compreensão sobre o Nordeste e o Brasil, mas também sobre o desenvolvimento da nação moderna. Regiões tais como Oaxaca no México, as Terras altas da Escócia [Scottish Highlands] no Reino Unido, o *Deep South* nos Estados Unidos e o sul da Itália – considerados atrasados e frequentemente os mais pobres e agrários, mas culturalmente “autênticos” – servindo como contrapartidas para grandes cidades da nação. As identidades culturais destas regiões supostamente isoladas tomaram forma através de seu relacionamento com o mundo em volta durante momentos de intensas transformações internacionais e da expansão mundial da cultura do consumo. As grandes guerras (e subsequentes negociações) da primeira metade do século 20 forçaram os habitantes das nações pelo mundo, não importa se grandes ou pequenas, não importa se em guerra ou em paz, a questionarem seu lugar no mundo. Para lugares como o Nordeste Brasileiro, foi a chegada dos filmes de Hollywood e a expansão dos serviços radiofônicos nacionais e internacionais (patrocinados pelos esforços do escritório da Coordenação de Assuntos Interamericanos [US Office of the Coordinator of Inter-American Affairs] ou OCIAA, responsáveis por criar o senso de unidade hemisférica) que criaram um senso instantâneo de fronteiras entre a cultura regional e o mundo, inspirando esforços tanto para exibir e proteger as culturas locais, regionais e nacionais. Além disso, ao passo que estes produtos culturais eram inseridos a partir de contextos externos, eles contribuíam para diálogos locais e nacionais sobre modernidade, progresso, avanço tecnológico e características nacionais¹⁶. O medo de rápidas transformações tecnológicas e da homogeneidade cultural estimularam tentativas de preservação da cultura local, definindo o folclore autêntico e catalogando arquétipos regionais vistos como uma forma de regressar ao passado. Ao mesmo tempo, ideais de progresso e desenvolvimento foram intensificados, acompanhados por tentativas para identificar regiões “atrasadas” e diagnosticar suas nostálgicas moléstias. Examinando a história dos pescadores dentro de um contexto da invenção do Nordeste

¹⁶ SOUSA, Marquildes Borgues de. **Rádio e propaganda política: Brasil e México sob a mira norte-americana durante a Segunda Guerra.** São Paulo: Annablume; Fapesp, 2004; TOTA, Antonio Pedro. **The Seduction of Brazil: The Americanization of Brazil during World War II.** Austin: University of Texas Press, 2009.



Brasileiro nos fornece uma visão transversal de como o nacionalismo de base regional desenvolveu-se ao longo do século vinte.

I SÉCULO DEZENOVE E MEADOS DO SÉCULO VINTE

Jangadas e seus pescadores foram importantes para a história do Brasil. Derivada da palavra malaiala *changadam*, a palavra *Jangada* tem sua origem na província sul indiana de Kerala, que, como na área onde os pescadores utilizavam a *jangada* no Brasil, foi dominada pelos comerciantes portugueses no século dezesseis e aprisionada por disputas entre holandeses e portugueses nos séculos dezessete e dezoito.¹⁷ Os portugueses recorreram a uma imaginação colonial e um vocabulário, influenciados por sua presença no sul da Índia, para descrever a embarcação brasileira¹⁸.

A *jangada* – frequentemente a primeira coisa que os viajantes europeus avistavam ao chegarem de navio às costas do Brasil – transformou-se em tema na literatura de viagem no século dezenove por autores que repetidamente descreviam aquele meio de transporte com fascinação¹⁹. Estes escritores se referiram à *jangada* como um objeto de maravilhas e distinção, enquanto se conectavam a um espaço geográfico limitado ao longo da costa brasileira – a área que no século vinte viria a se transformar em Nordeste Brasileiro. Na tradução de 1941 do livro de Henry Koster, *Travels in Brazil (Viagens ao nordeste do Brasil)*, o antropólogo e folclorista Luis da Câmara Cascudo até utilizou a designação “nordeste” no título²⁰.

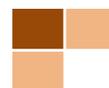
112

¹⁷ BUENO, Francisco da Silveira. *Jangada*. In: BUENO, Francisco da Silveira. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Saraiva, 1963. p. 2022-2023; NASCENTES, Antenor. *Jangada*. In: NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico resumido**. Rio de Janeiro: Inl, 1966. p. 426; FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Jangada*. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. p. 796; COSTA, J. Almeida de; MELO, A. Sampaio e. *Jangada*. In: COSTA, J. Almeida de; MELO, A. Sampaio e. **Dicionário da língua portuguesa**. Porto: Porto Editora, 1995. p. 1060.

¹⁸ CASCUDO, Luis da Câmara. **Jangada: uma Pesquisa Etnográfica**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1957, p. 61. Conferir também GANDAVO, Pero de Magalhães. **Historia da prouincia Sãcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil**. Lisboa: A. Gonsaluez, 1576, p. 76.

¹⁹ Ver como exemplo, M. Ferdinand Denis, **Brésil** (Paris, 1837), 256; Maria Graham, **Journal of a Voyage to Brazil and Residence There during Part of the Years 1821, 1822, 1823** (London, 1824), 99; James Henderson, **A History of the Brazil: Comprising its Geography, Commerce, Colonization, Aboriginal Inhabitants etc. etc. etc. illustrated with 28 plates and two maps** (London, 1821), 357–8; Henry Koster, **Travels in Brazil**, ed. C. Harvey Gardiner (Carbondale, 1966), 3; Maximilian Alexander Philipp Wied-Neuwied, **Voyage au Brésil dans les années 1815, 1816 et 1817, 3 vols.** (Paris, 1821), ii, 331.

²⁰ KOSTER, Henry. **Viagens ao nordeste do Brasil**. Recife: Companhia Editora Nacional, 1942.



No final do século 19, o pescador Francisco José do Nascimento (1839-1914), popularmente conhecido como “Dragão do Mar”, e seus colegas do *Clube dos Jangadeiros* ganharam renome nacional e internacional²¹. *Jangadeiros* – o termo usado para designar aqueles que navegavam em *jangadas* – transportavam escravos para navios em alto mar que seriam comercializados em mercados da região sudeste. Em 1881, *jangadeiros* da província do Ceará formaram a Sociedade Cearense Libertadora, recusando-se a embarcar escravos para os navios e bloqueando o acesso aos portos²². Estes pescadores também fiscalizavam os mares e providenciaram transportes seguros para refugiados que iam para o Ceará, a primeira província brasileira a abolir a escravidão²³. Notícias de seu papel no movimento abolicionista espalharam-se rapidamente, inspiraram outras pessoas por todo o império e fizeram os pescadores internacionalmente reconhecidos como símbolos do movimento²⁴. O Dragão do Mar inseriu-se na imaginação nacional, transformando-se em figura conhecida na imprensa e viajando para conhecer abolicionistas pelo Império Brasileiro. A *jangada* e os pescadores já conotavam admiração, singularidade, engajamento social e especificidade geográfica antes do início do século 20 e bem antes da criação de uma região chamada “Nordeste”.

Os pescadores que zarparam para o Rio de Janeiro em 1941 se apoiaram neste passado e também na história das *raides* na região. O termo português *raid* (algumas vezes grafados como “reid”, “reide” ou “raide”) é uma mutação do termo Anglófono que em meados da década de 1920 significavam uma viagem a longa distância que demonstrava paciência, velocidade ou avanço tecnológico, e era usada para descrever tanto viagens aéreas a longa distância quanto viagens marítimas por *jangadas*. Por exemplo, Mestre Filó, um *jangadeiro* de Natal, comandou três *jangadas* em uma *raid* de 23 dias entre Natal e Rio de Janeiro em 1922, inspirando um poema épico (“Almirante” de Catulo da Paixão Cearense) e uma canção popular (“A Praieira” de Otoniel

²¹ SILVA, Luiz Geraldo. **Os Pescadores na história do Brasil**. Recife: Comissão Pastoral dos Pescadores, 1988. 1 v.

²² FERREIRA, Lusirene Celestino França. **Nas asas da imprensa: a repercussão da abolição da escravatura na província do Ceará nos periódicos do Rio de Janeiro (1884-1885)**. 2010. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de São João Del-rei, São João Del-rei, 2010, p. 31; SILVA, *op. cit.* p. 180.

²³ Cf. “João Cordeiro para João Ramos, 22/08/1883, 2, Pacote 3, Caixa 218, Correspondência João Ramos (1884-1896), Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco, Recife; SILVA, *op. cit.* p. 183.

²⁴ Cf. *Congrès international antiesclavagiste, tenu à Paris les 6, 7, 8 août 1900* (Paris, 1900), p. 91–92; SILVA, *op. cit.* p. 181-182; CASTILHO, Celso Thomas. **Abolitionism Matters: The Politics of Antislavery in Pernambuco, Brazil, 1869-1888**. Tese (Doutorado) – University of California. Berkeley, 2008. p. 74-75; FERREIRA. *op. cit.* p. 32.



Menezes e Eduardo Medeiros) criadas para marcar o feito²⁵. Em 1928, outro grupo de pescadores partiram de Prainha no Ceará para Belém do Pará, declarados posteriormente como reencarnação do Dragão do Mar²⁶. Os pescadores que saíram na *raid* Fortaleza-Rio em 1941 extrairam da história de sua localidade a admiração pela *jangada*, a associação entre justiça social com os pescadores, e o orgulho sentido pelas *raides* partindo e chegando ao Nordeste.

II OS PESCADORES E SUAS JANGADAS

Folcloristas e antropólogos descreveram a *jangada* em termos de resistência à modernidade. De acordo com Câmara Cascudo, no tempo em que Henry Koster descreveu a *jangada* em 1809 já tinha ocorrido o auge do seu avanço tecnológico²⁷. Nas palavras do antropólogo Severiano Aguilár, que estuda os pescadores no estado de Pernambuco na década de 1960, “A mesma *jangada*, feita de toras, usada no século 16 pelos indígenas [*caboclos*] que viveram no litoral nordestino no momento do descobrimento, são usadas ao longo do século 20 (enquanto o homem se prepara para ir à lua)”²⁸. Pela década de 1950, a *jangada* consistia usualmente de seis toras curvadas, aproximadamente de oito metro cada, amarradas ou pregadas juntas, de uma vela triangular, de uma quilha central, de um banco para sentar e de cestos ou jarros para armazenagem²⁹. Nos anos 1940, estas embarcações valiam aproximadamente \$102 (\$1,675.21 em 2016) e duravam cerca de 18 meses, sendo usadas diariamente³⁰. Quatro pescadores, seguindo papéis bem estabelecidos, acompanhavam cada *jangada* pelo mar³¹. Conhecer o papel de cada um era um mecanismo de segurança em uma profissão perigosa³². Os pescadores do estado do Ceará utilizavam suas *jangadas* tanto em viagens cotidianas quanto em longas viagens de mais de seis dias em alto mar, alimentando-se de peixe assado em pequenos

114

²⁵ CASCUDO, op. cit., p. 19.

²⁶ Ainda vivem os jangadeiros de 1928, **O Povo**, 07/11/1941.

²⁷ CASCUDO, op. cit. p. 80.

²⁸ AGUILAR, Severiano. **Mudanças em um grupo de jangadeiros de Pernambuco**. Imprensa Universitária: Recife, 1965. p. 83.

²⁹ CASCUDO, op. cit. p. 80; ABREU, op. cit. p. 44.

³⁰ O trabalho dos pescadores, **A manhã**, 22/11/1941, p.6. O valor em moeda brasileira era 1:700\$000 (um conto, 700 mil réis). Eu calculei o cambio de \$1 = 16\$666 baseado na tabela publicada em HOLLOWAY, T. H. Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1984. p. 268. **Dólar Americano**, Disponível em <<http://www.ocaixa.com.br/bancodedados/dolaranualmedio.htm>>, Acesso em 30/10/2016. Eu usei a calculadora de inflação do *US Bureau of Labor Statistics*, disponível em <<http://data.bls.gov/cgi-bin/cpicalc.pl4>>, para transformar o valor do dólar de 1941 para o dólar de 2016.

³¹ ABREU, op. cit. p. 46; CASCUDO, op. cit. p. 15, 18.

³² CASCUDO, op. cit, p. 9.



queimadores, acompanhado por farinha de mandioca misturada com restos de óleo (pirão), enquanto suas esposas e filhos frequentemente dedicavam seu tempo para costurar redes e fazer rendas na costa³³.

Os pescadores tendiam à pescar sobre fundos rochosos, onde grandes peixes caçavam presas fáceis de moluscos e cardumes de peixes menores. Redes de pesca eram geralmente muito caras, por isso eles utilizavam linha e anzol, reunindo uma média de trinta à quarenta peixes por dia, pouco menos de sete ou oito na baixa temporada e mais de duzentas na alta temporada. OS pescadores não possuíam sua própria *jangada*, mas a alugavam de seu doo em troca da metade do que era pescado. Os peixes, uma vez trazidos para terra firme, eram vendidos para atravessadores, que revendiam os peixes pelas ruas e mercados. Os pescadores eram dependentes desse sistema, do qual conseguiam seus ganhos para subsistência, uma vez que não tinham como preservar os peixes por muito tempo³⁴.

Quando Mestre JeRônimo, Jacaré, Manuel Preto e Tatá, como muitos outros cearenses, mudaram-se para Fortaleza nas primeiras décadas do século vinte, o Nordeste tinha ganhado notoriedade como a região da seca, mas ainda não havia recebido este nome. Tatá, o mais velho dos quatro (tinha 52 anos em 1941), mudou-se para Fortaleza em 1906, enquanto os outros chegaram entre as décadas de 1920 e 1930³⁵. Graças à migração das zonas sertanejas para o litoral, em 1940, Fortaleza tinha uma população de aproximadamente 150.000 habitantes – quase o dobro da população em 1920³⁶. Os pescadores estabeleceram-se, inicialmente, ao longo das praias, mas quando as classes mais abastadas começaram a estabelecer-se em comunidades de veraneio em Fortaleza entre as décadas de 1920 e 1930, a maioria dos pescadores cederam às pressões econômicas e mudaram-se para áreas mais elevadas. Tatá e Jerônimo continuaram a viver próximos à praia, enquanto Manuel Preto e Jacaré viviam nas áreas elevadas misturados a outros tipos de trabalhadores cearenses³⁷. Em comum com 70% dos cearenses em 1940, Jacaré era analfabeto³⁸. Sua diversão principal era o festival anual em honra à São Pedro e, apesar de

³³ ABREU, *op. cit.*, p. 47.

³⁴ O trabalho dos pescadores, **A manhã**, 22/11/1941, p.6.

³⁵ ABREU, *op. cit.*, p. 43.

³⁶ UCHÔA, Waldery. **Fortaleza na sua expansão histórica, geográfica e estatística**. Fortaleza: Editora, 1946. p. 35.

³⁷ ABREU, *op. cit.*, p. 39, 43. Ver também DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza**. Fortaleza: Editora, 2002. p. 47-102.

³⁸ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), **Alfabetização da população de 18 anos e mais**, Censur, Estatísticas do Século CD-ROM (Rio de Janeiro, 2003).



Jacaré ser abstêmio, maioria dos pescadores bebiam cachaça para relaxar³⁹. Os pescadores eram brincalhões, curtiam fazer piadas ou “tirar sarro” uns dos outros na imprensa local e regional. Enquanto Jacaré era frequentemente citado nos jornais e referido como líder o grupo, Mestre Jerônimo e Tatá apenas apareciam ocasionalmente, e Manuel Preto raramente era citado. Os pescadores pertenciam à comunidades referidas como “colônias de pesca” organizadas pela Federação (Sindicato) de Pescadores. A maioria pertencia à colônia mais antiga formada em Fortaleza em 1922, a Z-1, da qual Jacaré era presidente⁴⁰. Apesar destas colônias de pesca funcionarem de forma similar a um sindicato, pelas leis federais os *jangadeiros* não pertenciam oficialmente a nenhuma profissão reconhecida.

III PELA COSTA, PELA IMPRESSA E POR DENTRO DO ESTADO

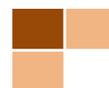
A jornada dos pescadores foi inspirada pelas transformações na política nacional. Naquilo que se chamou de “Revolução de 1930”, Getúlio Dornelles Vargas tornou-se chefe do Governo Provisório. A Era Vargas durou até 1954 e incluiu um governo provisório revolucionário entre 1930 e 1937, o Estado Novo entre 1937 a 1945 quando Vargas governou como ditador, seu termo no Congresso como um representante eleito entre 1945 e 1950 e, finalmente, seu retorno ao poder como presidente por meio da eleição entre 1950 até seu suicídio em 1954. Durante seu tempo no poder, Vargas realizou um excepcional trabalho de equilíbrio, negociando entre a elite e as classes trabalhadoras e as agendas urbanas e rurais, enquanto promoveu os interesses nacionais no exterior⁴¹. Ele criou uma vasta rede de instituições, unificando o país sob um governo nacional centralizado, e buscando de forma ativa por uma identidade cultural nacional unificada. O sucesso dos pescadores, segundo Abreu, tornou-se possível ao passo que as expectativas morais, culturais e sociais dos pescadores alinhavam-se com os projetos do Estado⁴². Embora não tenha sido o objetivo dos pescadores, a viagem também iniciou um diálogo sobre a inclusão de uma das mais rústicas profissões da Região Nordeste em um Estado moderno e centralizado.

³⁹ O trabalho dos pescadores, **A manhã**, 22/11/1941, p.6.

⁴⁰ ARBEU, *op. cit.*, p. 43.

⁴¹ See Robert Levine, *Father of the Poor?: Vargas and His Era* (Cambridge, 1998); Leslie Bethell, ‘Politics in Brazil under Vargas, 1930–1945’, in Leslie Bethell (ed.), *The Cambridge History of Latin America*, ix, *Brazil since 1930* (Cambridge, 2008); Daryle Williams, *Culture Wars in Brazil: The First Vargas Regime, 1930–1945* (Durham, NC, 2001).

⁴² Abreu, *Jangadeiros*.



Em 15 de setembro de 1941, Mestre Jerônimo, Tatá, Jacaré e Manuel Preto iniciaram uma jornada do Ceará para o Rio de Janeiro. Eles buscavam pressionar Vargas para incluir os *jangadeiros* nas então leis trabalhistas. Em novembro de 1930, Vargas criou o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (MTIC)⁴³. O MTIC desmantelou sindicatos independentes dos trabalhadores, substituindo-os por sindicatos controlados pelo ministério com líderes escolhidos a dedo pelo governo⁴⁴. Também impulsionou a legislação sobre o salário mínimo, condições de trabalho, pensões, seguro desemprego e máximo de horas de trabalho⁴⁵. Em 1933, toda a supervisão governamental da pesca foi transferida do Conselho de Pesca e Saneamento Costeiro (criado em 1923 como uma divisão do Ministério da Marinha) para o Ministério da Agricultura, sob o qual as colônias de pesca se tornaram associações civis (sem clubes) sem autoridade⁴⁶. Vargas priorizou o trabalho industrial, enfatizando a modernização por meio da industrialização, e as novas leis trabalhistas inicialmente foram aplicadas apenas para o trabalho formal e urbano industrializado, não ao trabalho rural, muito menos ao trabalho dos pescadores⁴⁷. Este foco na indústria deixou os trabalhadores rurais e da pesca fora do estado modernizado e as regiões com as quais eram associados – notadamente a Nordeste – à margem desse processo⁴⁸.

A viagem dos pescadores para o Rio de Janeiro foi uma tentativa para incluir suas reivindicações ao aparato trabalhista do Estado Novo. Em 1939, eles escutaram sobre a criação de uma escola para pescadores na ilha de Marambaia próxima à cidade do Rio de Janeiro. A Escola de Pesca Darcy Vargas foi fundada por uma organização católica, e tinha como madrinha a primeira dama, Darcy Vargas. A primeira de seu tipo (até 1939, pescadores aprendiam seu ofício nas praias de seus pais ou de outros pescadores mais experientes), a escola se propunha a ensinar crianças de *jangadeiros* técnicas modernas de pesca, concomitantemente à valores morais e cívicos⁴⁹. Notícias da escola, juntamente com a declaração de Darcy Vargas de que ela gostaria de

⁴³ Bethell, 'Politics in Brazil under Vargas', 23; Otaíza de Oliveira Romanelli, História da educação no Brasil (1930/1973), 29th edn (Petrópolis, 2005), 131; Williams, Culture Wars in Brazil, 53.

⁴⁴ Bethell, 'Politics in Brazil under Vargas', 23.

⁴⁵ Ibid.; Marshall C. Eakin, Brazil: The Once and Future Country (New York, 1997), 45.

⁴⁶ Aguiar, Mudanças em um grupo de jangadeiros de Pernambuco, 41.

⁴⁷ Bethell, 'Politics in Brazil under Vargas', 23; Eakin, Brazil, 44; Romanelli, História da educação no Brasil, 166.

⁴⁸ For more on industrial labour organization, see Barbara Weinstein, For Social Peace in Brazil: Industrialists and the Remaking of the Working Class in São Paulo, 1920–1964 (Chapel Hill, 1996); Barbara Weinstein, 'The Industrialists, the State, and the Issues of Worker Training and Social Services in Brazil, 1930–1950', Hispanic American Historical Review, lxx, no. 3 (1990), 379, 381; John D. French, The Brazilian Workers' ABC: Class Conflict and Alliances in Modern São Paulo (Chapel Hill, 1992); Joel Wolfe, Working Women, Working Men: São Paulo and the Rise of Brazil's Industrial Working Class, 1900–1955 (Durham, NC and London, 1993).

⁴⁹ Abreu, Jangadeiros, 73.



possuir uma *jangada* própria, forneceu a inspiração inicial para a viagem para o Rio de Janeiro. Com o passar do tempo, os pescadores tiveram certeza de que o Presidente Vargas escutaria suas preocupações e os responderia. Ao longo de sua viagem, eles conversaram com pescadores que adicionaram reclamações à sua lista de queixas e os ajudou a sistematizar seus pedidos.

Em 8 de setembro de 1941, um padre local abençoou a *jangada* e Brígida Pimentel (a esposa do governador nomeado pelo governo central ou *Interventor Federal*) tornou-se a “madrinha” de sua viagem no papel – embora Mariinha [sic] Hollanda, a diretora da Associação de São Pedro da Praia de Iracema, também era frequentemente mencionada como “madrinha”⁵⁰. A população de Fortaleza doou a *jangada*, a Associação de São Pedro, contribuiu com comida e suprimentos. Fernando de Alencar Pinto (Presidente do Clube de *jangada* e, posteriormente, amigo de Orson Welles) e Brígida Hollanda se comprometeram cuidar das famílias dos pescadores em sua ausência⁵¹. Foi Brígida que preparou o “Diário dos *jangadeiros*”, que os pescadores apresentavam aos apoiadores que os saudavam em cada porto. Uma vez que eles recebiam a autorização para prosseguir com sua viagem, colônias de pescadores locais enviavam comunicados para as Federações de Pescadores de cada estado pelos quais os *jangadeiros* iriam passar, requisitando que as colônias providenciassem abrigo e suporte em todos os portos. Desse jeito, os pescadores, enquanto respondiam às queixas particulares a sua profissão, também unificou e representou a comunidade. Da mesma forma, ao representar os pescadores de uma comunidade específica, eles também fortaleceram os laços entre uma rede de comunidades pesqueiras privadas de direitos civis ao longo da costa nordeste.

Jornais, revistas e rádio forneciam um relato passo a passo da viagem. O jornalista João Calmon, na época trabalhando em Fortaleza para o jornal Correio de Ceara, enviou um apelo nacional através da Associated Press (fundada em 1924 por Assis Chateaubriand com o objetivo de unir as diferentes regiões do Brasil) para o apoio da mídia⁵². Ele enfatizou que, embora os pescadores já tivessem obtido o apoio local necessário, a autoridade portuária não permitiria sua viagem sem autorização da marinha mercante. O Diário de Pernambuco, em Recife, de maior

⁵⁰ Berenice Abreu de Castro Neves, ‘O Livro do Raid’, in *Diário dos jangadeiros: Fortaleza-Rio de Janeiro, 1941* (Fortaleza, 2004), 20; Miguel Ângelo de Azevedo, *Cronologia ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural* (Fortaleza, 2001); ‘Diário dos jangadeiros’, in *Diário dos jangadeiros, Fortaleza-Rio de Janeiro, 1941* (Fortaleza, 2004), 41.

⁵¹ ‘O fatalismo dos homens do mar’, *A Tarde*, 14 Nov. 1941; ‘O “Diário de bordo” da jangada S. Pedro’, *O Povo*, 13 Nov. 1941.

⁵² ‘“Jacare” deu conta do recado’, *Diário de Pernambuco*, 22 Nov. 1941. See also Fernando Morais, *Chato, o rei do Brasil* (São Paulo, 1994).



circulação na região, publicou o pedido inicial de apoio e acompanhou os pescadores durante a viagem⁵³. Outros jornais da região e do país logo pegaram a história.

Em cada porto de grandes cidades ao longo de sua viagem, os pescadores se reuniam com colônias de pescadores e autoridades locais, dando ao governador de cada estado um modelo em miniatura da jangada São Pedro. Quando os pescadores chegaram a Natal, no estado do Rio Grande do Norte, em 27 de setembro - nem mesmo duas semanas depois de sua viagem - sua fama se espalhou⁵⁴. A cidade supostamente os recebeu com tal festividade que mestre Jerônimo, cujos gracejos eram frequentemente citados na imprensa, brincou que o Nordeste não tinha visto tanto entusiasmo desde a Revolução de 1930, que colocara Vargas no poder⁵⁵. Em Salvador, um feriado foi proposto para sua chegada em 17 de outubro⁵⁶. Mesmo aldeias de pescadores menores os acolheram e os receberam com celebração.

Em todos os principais portos, os migrantes cearenses saudavam os pescadores. A migração do Ceará e seus estados vizinhos começou décadas antes do ataque, inspirado por uma série de secas devastadoras (1877-1880, 1900, 1915 e 1919). Essa migração das áreas rurais pobres e devastadas pela seca do Nordeste - primeiro para a Amazônia e mais tarde para as áreas metropolitanas do Sul e do Sudeste - tornou as fronteiras entre o Nordeste e a nação tanto notadamente visíveis, quanto geograficamente borradas. Em 1940, quase 10% dos brasileiros nascidos no Ceará haviam migrado para fora do estado, participando do processo de rápida urbanização na América Latina no século XX. No entanto, apenas 15% dos migrantes viviam na região Sudeste, que abrigava as populosas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Em 1940, metade dos migrantes fora do Ceará se mudaram para os estados vizinhos do Nordeste⁵⁷.

Além disso, os migrantes do Ceará não eram apenas os que sofreram secas. Migrantes nordestinos também eram trabalhadores à procura de emprego no *boom* da borracha na Amazônia ou nas fábricas de São Paulo⁵⁸. Outros eram estudantes, empresários ou burocratas. Em

⁵³ 'Em jangada de Fortaleza ao Rio', Diário de Pernambuco, 10 Sept. 1941; Austregesilo de Athayde, 'Deixem vir os jangadeiros', Diário de Pernambuco, 17 Sept. 1941.

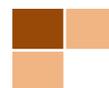
⁵⁴ 'Diário dos jangadeiros', 51-63.

⁵⁵ Mestre Jerônimo referred specifically to the arrival of Juarez Távora to Ceará in the aftermath of the Revolution. 'O "Diário de bordo" da jangada S. Pedro'.

⁵⁶ 'Aguardados na Bahia os jangadeiros cearenses', O Povo, 16 Oct. 1941.

⁵⁷ IBGE, Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988, 2nd edn (Rio de Janeiro, 1990), 39-46.

⁵⁸ For more on migration, see Jack A. Draper III, 'Forro' 's Wars of Maneuver and Position: Popular Northeastern Music, Critical Regionalism, and a Culture of Migration', *Latin American Research Review*, xlvii, no. 2 (2011); Eakin, *Brazil*, 74; Paulo Fontes, *Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel*



Cabedelo, no estado da Paraíba, um gerente de banco e funcionários do governo local - todos do Ceará - receberam os pescadores⁵⁹. Em Recife, os pescadores enviaram agradecimentos especiais aos cearenses que se reuniram com eles e os levaram para almoçar⁶⁰. Na Bahia, a "República Potiguar", que se descreveu como uma "tradicional pensão cearense de estudantes na Bahia", expressou orgulho de seus colegas cearenses no "Diário dos jangadeiros"⁶¹. A caminho de Cabo Frio, no estado do Rio de Janeiro, foram abordados por repórteres do Rio que posteriormente publicaram trechos do registro de seu navio. Entre eles, estava Edmar Morel, o repórter cearense que mais tarde atuou como intermediário entre os pescadores e Orson Welles. Ao relacionar esse encontro aos jornalistas, Jacaré disse: "Eles estão certos em dizer que em todo o mundo você encontrará um cearense"⁶². Os quatro pescadores pobres, de pele escura e analfabetos, tornaram-se embaixadores não-oficiais de migrantes cearenses - ricos ou pobres, educados ou não - em toda a região e em todo o país.

Os pescadores cronometraram sua chegada para coincidir com o feriado nacional brasileiro que comemorava a Proclamação da República em 15 de novembro. Esse momento reforçou a natureza simbólica da viagem e permitiu que milhares de pessoas os saudassem no porto e os seguissem pela Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro. De acordo com relatos da imprensa, duas bandas e milhares de pessoas estavam esperando em terra firme e tantas pessoas foram ao topo do Pão de Açúcar para assistir à procissão de cima, que o elevador teve de ser fechado⁶³. Na chegada, centenas de barcos escoltaram a margem do pescador e o São Pedro foi carregado na traseira de um caminhão. Os pescadores, seguidos por uma procissão de centenas de carros, caminharam diretamente para o Palácio Guanabara (o palácio presidencial) para falar cara a cara com o presidente do Brasil⁶⁴.

Jacaré, que era conhecido por ser o mais eloquente orador do grupo, entregou a mensagem dos jangadeiros ao presidente Vargas. Segundo relatos da imprensa, ele se referiu ao presidente como seu "pai", descreveu suas condições de vida e assegurou-lhe que seus problemas

Paulista (1945–66) (Rio de Janeiro, 2008); Paulo Fontes, '“With a Cardboard Suitcase in My Hand and a Pannier on My Back”: Workers and Northeastern Migrations in the 1950s in Sao Paulo, Brazil', *Social History*, xxxvi, 1 (2011).

⁵⁹ 'Chegam a Cabedêlo os jangadeiros cearenses', *Gazeta de Notícias*, 7 Oct. 1941.

⁶⁰ 'Partem, hoje para o Rio os jangadeiros cearenses', *Diario de Pernambuco*, 11 Oct. 1941.

⁶¹ 'Diário dos jangadeiros', 83.

⁶² 'A chegada dos jangadeiros ao Rio', *O Povo*, 17 Nov. 1941.

⁶³ *Ibid*; 'Apoetótica recepção no Rio!', *Gazeta de Notícias*, 16 Nov. 1941; 'Chegaram ao Rio os jangadeiros cearenses', *Diario de Pernambuco*, 18 Nov. 1941.

⁶⁴ 'A chegada dos jangadeiros ao Rio'; Artur Eduardo Benevides, 'Os heróis vão regressar', *O Nordeste*, 19 Nov. 1941.



pertenciam a "toda uma classe [de pescadores]". Após cerca de uma hora de discussão, cercado por massas de pessoas nas ruas, Vargas encerrou a conversa, assegurando aos pescadores que o governo lhes traria "justiça"⁶⁵. Enquanto isso, a jangada, um presente para Darcy Vargas, foi criada na Praça Floriano, onde permaneceria em exposição durante uma semana de festividades⁶⁶.

No dia em que chegaram ao Rio, os jornais de Fortaleza já registravam um sucesso: a Escola de Pesca Darcy Vargas receberia as crianças de mais oito pescadores (duas já haviam chegado) do Ceará⁶⁷. Ao final de seu terceiro dia no Rio, os pescadores estamparam as primeiras páginas dos jornais novamente quando Vargas publicou uma lei incorporando os *jangadeiros* ao sistema nacional de trabalho de assistência social. A nova lei incluía pescadores que trabalhavam para empresas, bem como aqueles que eram "legalmente qualificados" para exercer essa profissão por meio do trabalho autônomo. Os pescadores se beneficiariam dos serviços do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Trabalhadores Marítimos, garantindo que eles deveriam ganhar pelo menos um salário mínimo. O Instituto estabeleceria, "dentro de suas possibilidades", centros de atendimento nas colônias de pesca para ajudar os pescadores e prestar primeiros socorros, enquanto determinava que os hospitais públicos cuidassem daqueles que necessitassem de tratamento cirúrgico. A lei também introduziu a indústria pesqueira na nação moderna, afirmando que empresas e pescadores individuais deveriam registrar tudo, desde os lucros até as vendas de barcos de pesca⁶⁸. Em 1942, foi criada uma Comissão Executiva de Pesca, estabelecendo Divisões Regionais que prestavam assistência às colônias pesqueiras. Cada colônia recebeu uma cooperativa (ou "dependência") e elegeu seu próprio presidente e representantes. A Comissão Executiva controlou a distribuição de pescado aos centros urbanos, tirando suas despesas operacionais do preço pago pelo consumidor. Em uma comunidade de pescadores em Pernambuco, por exemplo, a cooperativa estabelecida na Divisão Regional de Recife forneceu dois enfermeiros, um farmacêutico, um médico, um dentista, um médico, uma escola e um tribunal⁶⁹. Os pescadores pediram para ser incorporados na nação, e seu pedido foi concedido.

⁶⁵ 'Chegaram ao Rio os jangadeiros cearenses'. News footage of this scene is included (starting around 00:05:19) in Rogério Sganzerla, *Nem tudo é verdade* (Embrafilme, 1986).

⁶⁶ 'Os jangadeiros serão homenageados durante oito dias', *O Povo*, 13 Nov. 1941.

⁶⁷ '8 filhos de pescadores cearenses para a Escola de Pesca Darcy Vargas, no Rio', *O Povo*, 15 Nov. 1941.

⁶⁸ Getúlio Vargas, Decreto-Lei n. 3.832 de 18 de novembro de 1941, 1941, at http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del3832.htm4 (accessed 30 Oct. 2016). Sections of the law were published in newspapers: see, for example, 'Amparo aos pescadores brasileiros', *Gazeta de Notícias*, 19 Nov. 1941; 'Resultados imediatos da façanha heroica dos jangadeiros cearenses', *O Nordeste*, 19 Nov. 1941.

⁶⁹ Aguiar, *Mudanças em um grupo de jangadeiros de Pernambuco*, 99.



Em 30 de novembro de 1941, os pescadores retornaram a Fortaleza. A companhia aérea brasileira Navegação Aérea Brasileira, fundada em 1940, doou viagens em um avião Beechcraft de volta ao Ceará⁷⁰. O voo permitiu que os jornais destacassem a drástica diferença de eficiência entre a jangada rústica e a nova companhia aérea brasileira⁷¹. O governador nomeado pelo governo federal, Menezes Pimentel, deu as medalhas aos pescadores e uma missa especial foi celebrada pelo Arcebispo em frente ao Clube Jangada⁷². Um escritor enfatizou que os pescadores representavam mais do que apenas o Ceará; todo o Nordeste estava ansioso para abraçá-los⁷³.

IV TORNANDO-SE NORDESTINO

Nos relatos da imprensa e no livro de assinatura dos pescadores, a escala geográfica que os pescadores representavam começou no Ceará, mas rapidamente passou a abranger todo o Nordeste. Os jornalistas invocaram as noções do cearense como um sofrimento resistente para enfatizar a natureza estoica dos pescadores. O sofrimento foi causado pelas frequentes e severas secas que moldaram o caráter dos cearenses, tornando-os figuras nobres por natureza.

Descrever cearenses em termos de sofrimento era um tema historicamente enraizado. Em seu conhecido pedido de intervenção e descrição da terrível seca de 1915, no Ceará, Rodolfo Teófilo declarou: "A natureza deu aos cearenses uma surpreendente resistência orgânica para que pudessem enfrentar as secas"⁷⁴. Outro notável historiador do Ceará, Gustavo Barroso, explicou em sua "Oração pelo Ceará" que o "martírio" cearense lhes dava "glória" e deveria ser motivo de orgulho. Esse sofrimento causou a "nitidez de sua inteligência, a resolução corajosa de seu temperamento, de sua audácia e de sua paciência tenaz. A seca molda e dá forma uma raça forte"⁷⁵.

Esta insistência na força do cearense desgastado pela seca é uma reminiscência da admiração de Euclides da Cunha pelo sertanejo (morador do sertão). Da Cunha havia testemunhado a destruição da comunidade milenar e monarquista de Belo Monte (também conhecida como Canudos) pelo recém-formado exército do governo republicano em 1897.

⁷⁰ 'Chegaram ao Recife os jangadeiros cearenses', Diário de Pernambuco, 10 Oct. 1941; '“Jacaré” joga bilhar com o presidente da navegação aérea brasileira', Gazeta de Notícias, 23 Nov. 1941.

⁷¹ 'O regresso triunfal dos jangadeiros cearenses', O Nordeste, 1 Dec. 1941.

⁷² 'Chegarão, às 14 horas, os bravos jangadeiros', Gazeta de Notícias, 30 Nov. 1941.

⁷³ 'O regresso triunfal dos jangadeiros cearenses'.

⁷⁴ Rodolpho Teófilo, A seca de 1915 (Rio de Janeiro, 1922), 31.

⁷⁵ Gustavo Barroso, 'Oração ao Ceará', O Nordeste, 14 Feb. 1941.



Foram necessárias quatro campanhas militares para acabar com Belo Monte, que o livro de Cunha declarou massacre. *Os Sertões* de Euclides da Cunha serve como um dos textos fundamentais da nação brasileira: documenta as campanhas militares, fornece uma descrição do clima e da geografia do sertão e realiza um exame eugênico de seus moradores. Em *Os Sertões*, o sertanejo é descrito como "acima de tudo, um forte"⁷⁶.

Esta percepção do *sertanejo* foi referida frequentemente durante o ataque dos pescadores. No Diário dos Jangadeiros, o governador federal do Estado do Rio Grande do Norte referiu-se aos pescadores como “representantes legítimos da raça forte, orgulhosa e corajosa que habita o Nordeste”, como “homens eugênicos e audazes” criando uma civilização nordestina - todos os termos remanescentes de Euclides da Cunha⁷⁷. O chefe da subseção regional do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio do estado de Alagoas citou Euclides da Cunha como descrevendo o Norte como "o alicerce vivo de nossa nacionalidade"⁷⁸. Eles, como muitos outros que assinaram o *Diário dos Jangadeiros*, preferiram se concentrar no retrato de Da Cunha do forte morador do sertão. Da Cunha, no entanto, havia justaposto o residente do sertão com o da costa, e considerava que lhe faltava algo, já que o homem do sertão "não exhibe as tendências raquíticas debilitantes dos mestiços neurastênicos do litoral"⁷⁹. Durante a viagem dos pescadores, o conhecido escritor regionalista José Lins do Rego discordou da afirmação de Cunha, contando a história de Seu João, um pescador no estado de Paraíba, que retornou ao mar, voltou com peixes e os vendeu. , cuidou de sua família e depois voltou para o mar às 3 da manhã do dia seguinte. Rego rejeitou a caracterização de Seu João e seus colegas como "mestiços neurastênicos do litoral"⁸⁰. Combinando a crença de longa data na resistência estoica e força do *sertanejo* desgastado pela seca com uma visão revisada do homem do litoral, os jornalistas e autores regionais desenvolveram um novo caráter representativo, amplo o suficiente para abranger não só os moradores de o sertão e os *cearenses*, mas também pescadores em todo o Nordeste. Eles uniram o que Gilberto Freyre chamou de "dois nordestinos" - as terras costeiras aráveis e os sertões pastorais - em um só⁸¹.

⁷⁶ Euclides da Cunha, *Rebellion in the Backlands*, trans. Samuel Putnam (Chicago, 2010), 89.

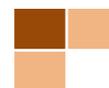
⁷⁷ 'Diário dos jangadeiros', 51.

⁷⁸ *Ibid.*, 74–5.

⁷⁹ Cunha, *Rebellion in the Backlands*, 89.

⁸⁰ José Lins do Rego, 'Os jangadeiros cearenses', *O Povo*, 6 Nov. 1941.

⁸¹ Gilberto Freyre, 'Prefácio a 1.ª edição', in *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*, 3rd edn (Rio de Janeiro, 1961), xi.



A imprensa relatou como os pescadores, em vez de tomarem medidas cuidadosas, se atiraram de cabeça em jangadas "frágeis" em um compromisso de dois meses com sua causa⁸². Eles enfrentaram um ambiente hostil e perigoso e perigos como baleias assassinas, tubarões, tempestades e recifes inesperados⁸³. Durante dias, a imprensa não sabia onde eles estavam, criando mistério, suspense e, finalmente, alívio ao chegar em Salvador⁸⁴. Como resultado, jornalistas e pessoas que assinaram seu livro representaram os pescadores como "corajosos", "intrépidos", "audaciosos" e "heroicos"⁸⁵. Os pescadores, então, foram moldados por seu ambiente, mas também foram corajosos agentes de mudança. Embora enfatizar os perigos de sua jornada certamente atraísse uma maior audiência de leitura, também despolitizou esses organizadores do trabalho.

Os jornalistas e os próprios pescadores associavam repetidamente os pescadores ao Dragão do Mar, um pescador abolicionista mulato⁸⁶. Por isso, parece surpreendente que os jornais e os signatários do livro dos pescadores repetidamente acentuassem que os pescadores e sua cultura eram *caboclos* (quer dizer índio ou uma mistura de indígena e europeu), mas não africano, afro-brasileiro, mulato ou mesmo *cafuzo* (de ascendência indígena mista e africana). No censo de 1940, dos mais de dois milhões de habitantes do estado do Ceará, um quarto foi registrado como preto e outro quarto como de origem racial mista. Embora distante de se constituir como da maioria (mais de um milhão de *cearenses* eram brancos), a população negra do Ceará não poderia ser considerada insignificante⁸⁷. Em 1864, 88,3% da população pesqueira foi declarada negra e apenas 2,2% como indígena⁸⁸. No entanto, a imprensa e os que assinaram o "Diário dos jangadeiros" em 1941 referiram-se a eles não como negros, mas como *caboclos*. Os pescadores foram descritos como "*caboclos* rudes" que foram "queimados pelo sol e ignorantes de

⁸² For more on the fragility of rafts, see Athayde, 'Deixem vir os jangadeiros', *Diário de Pernambuco*; Assis Memoria, 'Jangadeiros', *O Povo*, 30 Sept. 1941.

⁸³ 'Do Ceará ao Rio numa jangada', *A Tarde*, 17 Oct. 1941.

⁸⁴ 'Aguardados na Bahia'; 'Chegam a' Bahia os jangadeiros cearenses', *A Tarde*, 16 Oct. 1941.

⁸⁵ For brave (bravos, corajosos) and bravery (bravura, coragem), see Faustino Nascimento, 'Os jangadeiros', *O Nordeste*, 8 Nov. 1941; 'Chegam a Cabedêlo os jangadeiros cearenses'; 'Chegarão sábado, ao Rio, os jangadeiros cearenses', *Gazeta de Notícias*, 13 Nov. 1941; 'O fatalismo dos homens do mar'; Memoria, 'Jangadeiros'. For intrepid (intrépidos, denodados), see 'Aguardados na Bahia'; 'De Fortaleza ao Rio em frágil jangada', *A Tarde*, 16 Oct. 1941; Athayde, 'Deixem vir os jangadeiros', *Diário de Pernambuco*. For audacious, see Nascimento, 'Os jangadeiros'. For heroic, see Filgueiras Lima, 'Mensagem de esperança', *O Povo*, 20 Sept. 1941; Nascimento, 'Os jangadeiros'. There are many further references to bravery in the 'Diário de jangadeiros'.

⁸⁶

⁸⁷ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, *Sinopse do censo demográfico*, 14–15.

⁸⁸ Silva, *Os pescadores*. This information is in a table on an unnumbered page in the appendix.



seu valor individual"⁸⁹. A coragem que esse "grupo de *caboclos*" exibia era "muito particular para o *caboclo* nordestino"⁹⁰. No "Diário dos jangadeiros", o presidente da colônia de pescadores Z-4 de Natal enfatizou a "coragem do *caboclo* do norte". Outro colaborador de Maceió se referiu a eles como os "4 *caboclos* nordestinos"⁹¹. Embora os afro-brasileiros não tenham sido escritos inteiramente da história do Ceará, a imprensa nacional e local não os aceitou como fisicamente ou culturalmente representativos da região. O pescador Manuel Preto ganhou seu apelido devido às suas características afro-brasileiras ("preto" em português significa "negro"), mas como embaixador regional, ele era *caboclo*.

Isto foi, pelo menos em parte, devido às associações entre os pescadores e a famosa novela *Iracema*, do escritor *cearense* José de Alencar. O romance, publicado pela primeira vez em 1865, é um texto fundamental não só do estado do Ceará, mas também do Brasil, narrando o amor impossível entre a indígena Iracema (um anagrama da América) e o branco Martim Soares Moreno⁹². Seu filho se torna o primeiro brasileiro (e o primeiro *caboclo*), uma manifestação de miscigenação e o fruto do Velho Mundo e do Novo. Os pescadores não apenas partiram do estado natal do autor, o Ceará, mas da Praia de Iracema, assim chamada em homenagem ao romance⁹³. A identidade étnica sub-regional do Ceará contrasta com a de outro estado brasileiro que mais tarde se tornaria nordestino, Bahia. De acordo com Anadelia A. Romo, no início do século XX, a população e a cultura afro-brasileira da Bahia passaram a representar a preservação de "tudo o que era valioso do passado do Brasil"⁹⁴. A promoção da democracia racial por parte do governo de Getúlio Vargas como um ideal brasileiro facilitou essa mudança, assim como o Congresso Afro-Brasileiro organizado por Gilberto Freyre em Recife em 1934. Na tentativa de enraizar a cultura afro-brasileira em Salvador em vez de Recife, o segundo Congresso Afro-Brasileiro foi realizado na Bahia em 1937, organizado por intelectuais afro-brasileiros. Os baianos da classe trabalhadora também participaram dessa transformação da identidade cultural baiana,

⁸⁹ Neves, 'Os jangadeiros'.

⁹⁰ Edigar de Alencar, 'Os jangadeiros cearenses', *O Povo*, 11 Nov. 1941.

⁹¹ 'Diário dos jangadeiros', 59 and 72 respectively.

⁹² On 'foundational fictions', see Doris Sommer, *Foundational Fictions: The National Romances of Latin America* (Berkeley, 1991). For other cultural incarnations of Iracema, see Courtney J. Campbell, 'The Brazilian Northeast, Inside Out: Region, Nation, and Globalization (1926–1968)' (Vanderbilt Univ. Ph.D. thesis, 2014), particularly chs. 3 and 6.

⁹³ See, for example, 'Diário dos jangadeiros', 77, 79, 97.

⁹⁴ Anadelia A. Romo, *Brazil's Living Museum: Race, Reform, and Tradition in Bahia* (Chapel Hill, 2010), 5.



através de performances ritualizadas em espaços públicos e da insistência no reconhecimento como parte da cena cultural de Salvador⁹⁵.

Essas distintas identidades étnicas são evidentes quando limitamos nosso foco à região e suas sub-regiões. No entanto, quando ampliamos nossa visão para o nível nacional, as distinções étnicas sub-regionais tornam-se menos aparentes. Em vez disso, a região como um todo serve como um cenário escuro contra o qual contrastar São Paulo, caracterizado pela imigração europeia branca, modernidade, industrialização e progresso. Desta forma, referindo-se aos *cearenses* como exclusivamente indígenas, apoiava as noções do Nordeste como mais rústica e pré-moderna, ao mesmo tempo em que definia uma sub-região mais indígena (e, portanto, mais primitiva) dentro do Nordeste representada pelo estado do Ceará.

A imprensa representava os pescadores como *cearenses*, mas além dos *cearenses* eram representantes do Norte e, no norte, do Nordeste. Ao descrever os pescadores, Assis Memória se referia a memórias de pescadores no estado do Maranhão e José Lins do Rêgo ao estado da Paraíba, ambos escritores que empregavam os *jangadeiros* do Ceará para representar a figura do Norte em toda a região⁹⁶. Eles eram simples, "como todos os pescadores do norte"⁹⁷. Eles não eram apenas corajosos, mas corajosos e nordestinos, e defendiam as necessidades de todos os "pescadores nordestinos"⁹⁸. Os jornalistas até consideraram sua confiança particular para o Nordeste e referiram-se a suas velas como sendo o nordeste do país⁹⁹. De acordo com os signatários do "Diário dos jangadeiros", eles eram "nordestinos destemidos" e "jangadeiros incomparáveis do Nordeste!"¹⁰⁰.

Jornalistas e simpatizantes dos pescadores, como os viajantes do século XIX, associavam os *jangadeiros* a uma localização geográfica, mas nessa época o Nordeste ganhara seu nome. Através dos pescadores, jornalistas e espectadores atribuíram as características do Nordeste à região: rusticidade, natureza estoica, bravura, etnia primitiva, vagabundagem, instabilidade e força. Essas características distinguiam o Nordeste do centro de poder no Rio de Janeiro como se o Brasil fosse dois países diferentes. Como afirmou um jornalista do Rio de Janeiro: "Aqueles homens que estão vindo... eles não superaram quase dois mil quilômetros perigosos de ventos e

⁹⁵ Ickes, *African-Brazilian Culture and Regional Identity in Bahia, Brazil*.

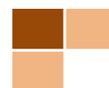
⁹⁶ Memória, 'Jangadeiros'; Rêgo, 'Os jangadeiros cearenses'.

⁹⁷ 'Do Ceara' ao Rio numa jangada'.

⁹⁸ 'O fatalismo dos homens do mar'; Freire, 'Jangadas audazes'.

⁹⁹ João Jacques, 'Operários do mar', *O Povo*, 15 Sept. 1941, 3; Neves, 'Os jangadeiros'.

¹⁰⁰ 'Diário dos jangadeiros', 49, 59, 90.



chuvas diluvianas: eles superaram a distância que separa um mundo do outro e um Brasil do outro...”¹⁰¹. A viagem dos pescadores deu aos jornalistas uma compreensão ampla, ponto de partida para a discussão do Nordeste e suas particularidades, mas também serviu como meio de unir o Nordeste e o Sul, aproximando o país. Essa retórica regional colocou os pescadores e o Nordeste firmemente dentro da crescente comunidade imaginada de uma nação de regiões inter-relacionadas. Os pescadores não eram apenas heróis regionais, mas heróis nacionais, demonstrando que até mesmo os elementos mais rústicos da nação poderiam, através da integração promovida pelas leis trabalhistas de Vargas, tornar-se modernos. Esses representantes nordestinos foram oferecidos como exemplos que toda a nação deveria seguir.

V NA MÚSICA E EM TONS DE CINZA

Reportagens de jornais sobre a viagem dos pescadores provocaram o desejo de entender o *jangadeiro* como uma figura folclórica e antropológica. Os artigos sobre o protesto muitas vezes vinham acompanhados de discussões sobre roupas típicas e linguagem dos pescadores¹⁰². O interesse pelo pescador como personagem também inspirou a música e um curta-metragem, dirigido por Ruy Santos e produzido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do governo brasileiro. O roteiro do curta foi escrito pelo jornalista e dramaturgo Henrique Pongetti e pelo conhecido músico baiano Dorival Caymmi - já em Fortaleza para inaugurar a única estação de rádio do Ceará (o PRE-9, que continuaria sem competição até 1948) - compôs e cantou a música para o filme e atuou no papel principal como pescador saindo para o mar¹⁰³.

Jornais regionais e locais publicaram artigos animados sobre a famosa visita do cantor a Fortaleza. Caymmi já havia ganhado fama como autora de *O que é que a babiliana tem?*, a primeira música que Carmen Miranda cantou na rádio dos EUA¹⁰⁴. "Sua música", dizia um artigo da Gazeta de Notícias (Fortaleza), "é o folclore", definido como "aquilo que o Brasil mais tem, é tradição, crença, a alma inocente"¹⁰⁵. Caymmi descreveu sua música para outro repórter como "cem por cento popular", explicando que ele via a maioria de suas canções como folclore – “isto

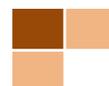
¹⁰¹ Neves, 'Os jangadeiros'.

¹⁰² On clothing, see 'Do Ceara' ao Rio numa jangada'. On language, see Dom Antônio de Almeida Lustosa, 'Linguagem de pescador', O Nordeste, 8 Nov. 1941.

¹⁰³ "A jangada voltou só", Diário de Pernambuco, 14 Nov. 1941; Stella Caymmi, Dorival Caymmi: o mar e o tempo (São Paulo, 2001), 195 and 197; Mario Ferraz Sampaio, História do rádio e da televisão no Brasil e no mundo: memórias de um pioneiro (Rio de Janeiro, 1984), 101.

¹⁰⁴ Tota, The Seduction of Brazil, 72.

¹⁰⁵ 'Dorival Caymmi vem ao Ceara', Gazeta de Notícias, 8 Oct. 1941.



é, se entendemos o folclore como a apresentação de poesia, música, como uma interpretação da alma simples de as pessoas”¹⁰⁶. Antes mesmo de os pescadores chegarem ao Rio de Janeiro, o protesto, o estilo de vida e a imagem da mídia passaram a representar o folclore "simples".

Os jornais *cearenses* enfatizavam as qualificações regionais de Caymmi (Caymmi era da Bahia, mas havia se mudado para o Rio). Sua música não era apenas uma música popular, tinha "a digna reputação de um forte sotaque regional"¹⁰⁷. O próprio Caymmi afirmou que ele era um "nortista" e que ele não podia recusar a oportunidade de voltar ao "Norte"¹⁰⁸. A definição de Caymmi como cantor nordestino é significativa, pois o status regional da Bahia estava indeciso na década de 1940, e assim permaneceria até a década de 1970. Segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Caymmi e o romancista Jorge Amado foram responsáveis por incorporar a Bahia como o "outro", mais afro-brasileiro, Nordeste em "imagem, texto e som"¹⁰⁹.

O filme *A Jangada voltou só* (*The Jangada Returned Alone*) foi baseado na canção homônima de Caymmi, inspirada no romance *Mar Morto*, de Jorge Amado (publicado pela primeira vez em 1936). O romance de Amado contava a história da "vida de sofrimento e poesia dos pescadores da Bahia", e o filme subsequente pretendia "fazer mais conhecido... o estilo de vida mais aventureiro e heroico dos pescadores"¹¹⁰. Ambos contaram a triste história de um pescador, que faz uma viagem noturna pela primeira vez. No dia seguinte, sua jangada aparece na praia, desacompanhada. Embora não seja aparente na música, o pescador no filme deixa a namorada, uma tecelã de renda, em terra esperando por ele. Em contraste com o romance e a música, o filme desloca o enredo exclusivamente para o amor, o suspense e a perda, bem distante da discussão sobre as condições sociais dos pescadores.

Além de anunciar a visita de Caymmi, os jornais locais de Fortaleza imprimiram as letras de suas músicas. No dia 11 de novembro, *O Povo* imprimiu a letra de *A jangada voltou só*, ao lado de um artigo exaltando a coragem dos jangadeiros à caminho do Rio¹¹¹. No dia 15 de novembro - dia em que os pescadores chegaram ao Rio - *O Povo* imprimiu a letra da música *É doce morrer no mar*¹¹². Ao imprimir letras de músicas sobre as mortes misteriosas de pescadores ao lado de

¹⁰⁶ ‘Dorival Caymmi fala aos cearenses, por intermédio do O Povo’, *O Povo*, 9 Out. 1941. 107

¹⁰⁷ ‘Dorival Caymmi vem ao Ceará’.

¹⁰⁸ ‘Dorival Caymmi fala aos cearenses’.

¹⁰⁹ Albuquerque Júnior, *A invenção do nordeste*, 246.

¹¹⁰ ‘Dorival Caymmi no Ceará’, *O Povo*, 8 Out. 1941.

¹¹¹ Dorival Caymmi, ‘A jangada voltou só’, *O Povo*, 11 Nov. 1941; Alencar, ‘Os jangadeiros cearenses’.

¹¹² Dorival Caymmi, ‘É doce morrer no mar’, *O Povo*, 15 Nov. 1941.



artigos descrevendo a invasão de pescadores, *O Povo* enfatizou os perigos da profissão dos pescadores e sua jornada, reforçando simultaneamente o conceito mais amplo de uma figura nostálgica, morbidamente romântica e despolitizada.

A visita de Caymmi e a incursão do pescador também permitiram à PRE- 9 mostrar sua expansão tecnológica em 1941. Em 9 de outubro, *O Povo* imprimiu uma cópia de um cartão postal enviado ao proprietário do PRE-9 de Nova York, confirmando que o escritor podia ouvir sinais de teste das novas instalações de ondas curtas com "absoluta clareza"¹¹³. Este longo alcance do P.R.E.-9, de acordo com outro artigo, possibilitou que os cearenses, longe de casa, suprimissem suas saudades de casa e "suavizassem seus sentimentos regionalistas"¹¹⁴. O P.R.E.-9 informou sobre a chegada dos pescadores no Rio de Janeiro, alcançando cearenses em todo o país (e possivelmente tão longe quanto Nova York) com a história¹¹⁵.

A história da viagem dos pescadores chegou, de fato, a Nova York, se não por via aérea, por via impressa. Em 8 de dezembro de 1941, a revista *Time* publicou um pequeno artigo intitulado "Four Men on a Raft", descrevendo a "viagem homérica que produziu um milagre político no Brasil"¹¹⁶. Orson Welles, que já estava contemplando um filme contendo vários episódios dos Estados Unidos e da América Latina, leu o artigo. Intrigado, ele planejou incluir "Four Men on a Raft" como um esboço em seu próximo filme, *It's All True*. Logo após o lançamento de *Cidadão Kane* (*Citizen Kane*), Welles estava sob contrato com o estúdio de rádio RKO, mas tinha recentemente assinado um acordo com o OCIAA para criar um filme sobre o Carnaval brasileiro, que também faria parte do *É Tudo Verdade*¹¹⁷. Este filme seria a primeira tentativa de Welles em um filme intercultural e incluiria, além dos episódios brasileiros, um episódio no México e um capítulo final sobre jazz ou a captura e assassinato de Inka Atawallpa no Peru¹¹⁸. O título do filme foi uma brincadeira na fronteira porosa entre realidade e representação¹¹⁹.

Welles originalmente pretendia filmar as cenas do jangadeiro e do Carnaval em Technicolor. Como a equipe de filmagem já estava no Rio, ele queria filmar a reencenação da

¹¹³ 'O P.R.E. 9 ouvido em New-York', *O Povo*, 9 Oct. 1941.

¹¹⁴ Jorge Freire, 'P.R.E. 9', *O Jaguaribe*, 25 Oct. 1941, 1–2.

¹¹⁵ 'A chegada dos jangadeiros ao Rio'.

¹¹⁶ 'Four Men on a Raft'; Abreu, *Jangadeiros*, 237; Benamou, *It's All True*, 39.

¹¹⁷ Benamou, *It's All True*, 41.

¹¹⁸ *Ibid.*, 56–7.

¹¹⁹ *Ibid.*, 33.



chegada dos pescadores na Baía de Guanabara¹²⁰. Ele planejou despolitizar o evento em nome da narrativa, revisando sua chegada do Dia da Proclamação da República ao Carnaval, com sua jangada se tornando um carro alegórico de Carnaval. Depois de filmar no Rio, Welles planejou filmar cenas sobre técnicas de pesca, tarefas das mulheres, os esforços de organização de Jacaré e, finalmente, a própria expedição pelos portos de Recife e Salvador. Welles se encontrou com Edmar Morel, jornalista cearense da Associated Press que conhecia os pescadores e publicou e divulgou o diário de bordo de seus navios. Morel escreveu um breve contexto histórico para o episódio, compilando dados sociais, etnográficos e históricos, e o registro serviu como fonte para o roteiro da viagem¹²¹. Nascido no Ceará, Morel já era um importante jornalista no Rio de Janeiro e, através desse incidente, expandiu seu papel de intermediário de região para nacional, para intermediário de regional para internacional.

Welles viajou para Fortaleza em 9 de março de 1942. Os leitores de jornais em Fortaleza podem ter reconhecido o título Cidadão Kane, e os do Ceará que viajaram ao Rio de Janeiro ou ao exterior podem até ter visto o filme de sucesso, embora nenhum cinema em Fortaleza o tivesse exibido¹²². Em um artigo de jornal do *Correio do Ceará*, o jornalista local Octacílio Colares admitiu que nenhum dos jornalistas assistiu ao filme, mas sabia da sua fama. Colares argumentou que Welles deveria ser recebido no Ceará apenas por seu louvável plano de registrar a história dos pescadores e apresentar a região ao mundo¹²³. Quando Welles chegou, ele foi recebido por jornalistas, um representante do governo do estado, Fernando Pinto e um grupo de pescadores. A multidão "aplaudiu delirantemente" de acordo com os jornais locais¹²⁴. Welles e Morel até participaram de uma corrida de jangada em uma jangada capitaneada pelo Mestre Jerônimo durante sua estada no Ceará¹²⁵.

Apesar das boas intenções de Welles e do entusiasmo da imprensa e dos habitantes de Fortaleza, o projeto do filme enfrentaria desafios insuperáveis. Depois de procurar locais em Fortaleza, Welles mandou o *São Pedro* voltar ao mar no Rio e trouxe os pescadores de Fortaleza¹²⁶. Depois que as filmagens começaram, o presidente da RKO negou o pedido de

¹²⁰ *Ibid.*, 50.

¹²¹ *Ibid.*, 51.

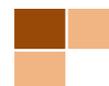
¹²² Abreu, Jangadeiros, 233; Firmino Holanda, Orson Welles no Ceará (Fortaleza, 2001), 9.

¹²³ Abreu, Jangadeiros, 242–3.

¹²⁴ *Ibid.*, 243–4.

¹²⁵ *Ibid.*, 244.

¹²⁶ Benamou, *It's All True*, 50, 51.



Welles para Technicolor¹²⁷. De acordo com Benamou, a gerente da RKO, Lynn Shores, enviou relatórios negativos para a sede da RKO em Hollywood e para o DIP brasileiro, encarregado da censura, “sobre a escolha de Welles de locais de filmagem, horários e elenco de afro-cariocas não profissionais do Rio)”¹²⁸. Enquanto isso, no Brasil, as ansiedades sobre os métodos de Welles também aumentaram, com a elite do Rio de Janeiro expressando preocupações de que elas seriam associadas a um lado "negativo" obscurecido e subdesenvolvido da vida brasileira¹²⁹.

No entanto, Welles e os pescadores puderam passar dois meses trabalhando nas cenas do Rio antes da tragédia¹³⁰. Em 19 de maio de 1942, perto da praia da Tijuca, uma lancha de reboque do São Pedro com os pescadores que se transformaram em atores a bordo passou pelo local de tiro e correu demais, quebrando o cabo de reboque¹³¹. Os quatro pescadores caíram na água e todos ressurgiram, mas enquanto Jerônimo, Tatá e Manuel Preto foram resgatados, Jacaré desapareceu inexplicavelmente de volta ao mar¹³². Como muitos pescadores antes dele, e como os personagens de canções, poesias e filmes sobre o ataque, Jacaré morreu no mar. Ele deixou sua esposa aos cuidados de seus nove filhos e um legado de dedicado ativismo trabalhista.

Em terra, Welles chorou copiosamente¹³³. Ele resolveu terminar o projeto como uma homenagem a Jacaré. No entanto, quando o filme estava entrando em fase de pós-produção, a RKO havia enfrentado uma grande crise administrativa e revogado o contrato de Welles¹³⁴. "Four Men on a Raft" foi deixado sem uma trilha sonora musical ou vocal. O rolo em si foi considerado perdido até que Fred Chandler inesperadamente encontrou entre 150.000 metros de filme na Paramount Pictures Vault em 1985¹³⁵.

Notavelmente, como o filme *A jangada voltou só*, Welles reescreveu o ataque dos pescadores como uma história de amor. José André de Souza, ou Sobrinho (primo de Jerônimo, 17 anos), faria o papel de um jovem pescador que morreu no mar imediatamente após se casar com uma jovem e bela garota, interpretada por Francisca Moreira da Silva, de 13 anos. No filme, a morte do jovem pescador levaria seus colegas a lançar a viagem para protestar contra suas

¹²⁷ *Ibid.*, 51.

¹²⁸ *Ibid.*, 52.

¹²⁹ *Ibid.*, 136.

¹³⁰ Abreu, Jangadeiros, 246–7.

¹³¹ *Ibid.*, 247.

¹³² Benamou, *It's All True*, 52.

¹³³ Abreu, Jangadeiros, 248.

¹³⁴ Benamou, *It's All True*, 54.

¹³⁵ Robert Stam, *Tropical Multiculturalism: A Comparative History of Race in Brazilian Cinema and Culture* (Durham, NC, 1997), 107.



condições de trabalho¹³⁶. Embora lançar a viagem dos pescadores como inspirada por amor e perda certamente tenha atraído um público maior, ela também teria diminuído o poder da viagem como um movimento popular de trabalhadores.

Enquanto a reação imediata da imprensa à morte de Jacaré foi chocante, alguns jornalistas criticaram os pescadores por sair de suas posições regional, racial e socialmente definidas. Houve, como Abreu demonstra, "implícita ou explicitamente - uma condenação moral e social de que Jacaré saiu de 'seu lugar' como um pobre pescador que lutou justamente por seus direitos e entrou (...) no lugar das estrelas de Hollywood"¹³⁷. O jornalista Murilo Mota listou as realizações de Jacaré e resumiu que "tudo isso é excessivo na vida de um caboclo analfabeto da Volta da Jurema"¹³⁸. Berilo Neves escreveu que "A ideia de reproduzir falsamente o que ele sabia fazer na verdade era lamentável (...). A jangada do caboclo nordestino não se encaixa no ambiente estreito de uma lente de cinema"¹³⁹. Eles não eram apenas pescadores; eles eram caboclos e, além disso, caboclos nordestinos. A morte de Jacaré, de acordo com esses relatos, deveu-se à distância entre as expectativas regional e racialmente definidas dele e do espaço internacional dentro do qual ele agiu¹⁴⁰.

Em agosto, antes de ficar claro que Welles não conseguiria terminar a pós-produção, os pescadores restantes chegaram ao jornal *Correio do Ceará* com Silva e Sobrinho, para apresentá-los à imprensa. O artigo resultante delineou o interesse de Welles pelos pescadores, a morte de Jacaré e até mesmo alguns dos problemas administrativos que Welles estava enfrentando com a RKO, mas as peças principais eram os jovens e insuspeitos atores. Silva, cujo pai era pescador, foi descrita como uma "moreninha" - uma referência ao seu tom de pele escura - tanto no corpo do artigo quanto em letras grandes e em negrito na manchete. O repórter afirmou: "Quando a vimos, era difícil acreditar que, à primeira vista, Orson Welles a escolheu para ser a noiva". Seu vestido era "muito pobre", ela usava sandálias, tinha um "ar tímido" e não tinha a "marca de Hollywood". Seu único atrativo, de acordo com o jornal, era que, quando sorria, exibia uma "beleza estranha em seu rosto mestiço" e demonstrava um conjunto de dentes "que causariam inveja da milionária". O jornalista enfatizou que essa garota, surpreendentemente, "brilha em todas as telas do mundo [democrático]". Sobrinho, por outro lado, não pôde sorrir. Ele era

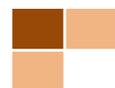
¹³⁶ Benamou, *It's All True*, 54.

¹³⁷ Abreu, *Jangadeiros*, 250.

¹³⁸ *Correio do Ceará*, 25 May 1942, quoted in Abreu, *Jangadeiros*.

¹³⁹ *Diário da Noite* (Rio de Janeiro), 20 May 1942, quoted in Abreu, *Jangadeiros*.

¹⁴⁰ Abreu, *Jangadeiros*, 247.



"exemplo vigoroso do *caboclo* nordestino". No entanto, ele se vestiu para encontrar os jornalistas e estava "visivelmente desconfortável em seu terno branco. Acostumado com roupas de pescadores e pés descalços, ele achou estranhos o colarinho, a gravata barata e os sapatos pesados". Não eram mais os estimados pescadores de 1941, apenas um ano antes. Um artigo sobre pescadores e suas famílias não precisava de uma explicação de acompanhamento de suas roupas, linguagem ou modo de vida. Eles não eram mártires ou sofredores estoicos. Eles eram, em vez disso, nordestinos pobres, de pele escura, que se atreviam a vestir roupas acima de sua classe (mas claramente ainda abaixo da do repórter). E, embora eles tivessem visto apenas um filme entre eles, eles se pensavam como estrelas de Hollywood¹⁴¹. Os jangadeiros tornaram-se folclore e era esperado que agissem dentro da esfera nacional e permanecessem no passado.

Este artigo, e outros semelhantes, não foram apenas sobre Silva e Sobrinho, nem se esses dois jovens representariam uma comunidade pesqueira no Ceará. Em vez disso, as discussões sobre os pescadores e as colônias de pescadores na imprensa local, regional e nacional forneceram uma maneira de imaginar a posição da região Nordeste dentro de uma nação que se projetava como moderna e industrial. Nos níveis local e regional, a viagem dos pescadores apresentou a oportunidade de participar da política nacional e da construção da nação. No nível nacional, os pescadores eram representantes aceitáveis do folclore e lembranças do passado cultural único da nação. Foi quando a história dos pescadores ultrapassou as fronteiras nacionais que a imprensa levantou acusações de falta de autenticidade cultural, destacando os limites da representação nordestina em termos de raça e etnia. Não era apenas o que os pescadores representavam que definia o Nordeste, mas também o que eles não podiam ou não podiam representar: a nação.

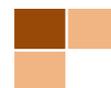
133

VI O FOLCLORE ESQUECE SEU PASSADO

No arquivo de Miguel Angelo de Azevedo em Fortaleza (conhecido como o Arquivo Nirez), há música que vai de 1923 a 1960 sobre o tema dos jangadeiros. Apenas uma música, "Jangada", fez menção direta ao protesto de 1941, enfatizando a bravura dos pescadores¹⁴². Enquanto a maioria das canções sobre pescadores não mencionou o ataque, eles afirmaram a

¹⁴¹ 'Uma "estrela" morena do Pirambu vai brilhar nas telas de milhares de cinemas', *Correio do Ceará*, 5 Aug. 1942.

¹⁴² Vicente Leporace and Jimmy Lester, 'Jangada' (Continental, 16.612-a, 1952); Esterzinha de Sousa, 'Jangada' (Copacabana, 5.141-a, 1953), both available at the Arquivo Nirez, Fortaleza, Brazil.



bravura e o estoicismo da figura do jangadeiro ou afirmaram as dificuldades da vida de um pescador¹⁴³. Em vários gêneros de música produzidos em todo o país, os pescadores recorreram como cearenses corajosos ou "nordestinos"¹⁴⁴.

Além disso, a *jangada* e o *jangadeiro* formaram um ingrediente essencial na cultura visual do Nordeste. Por exemplo, uma pequena *jangada* em um rótulo de *cachaça* era uma pista visual de que essa cachaça era do Nordeste. Em alguns casos, a *jangada* ou *jangadeiro* era uma imagem central no rótulo, mas frequentemente era uma pequena figura à distância ou um pequeno detalhe descendo o rio ao longo de um engenho de açúcar. Artistas e fotógrafos regionais frequentemente escolhiam *jangadas* e *jangadeiros* como temas para a arte que representavam a região¹⁴⁵. Postais, talvez o meio visual por excelência para expressar imagens locais para um público nacional e internacional, também exibiam frequentemente a *jangada*¹⁴⁶. Um editor de postais da região, Albuquerque, até usou a vela de uma jangada para formar o "A" de seu nome em um logotipo.

Estudos antropológicos, folclóricos e etnográficos demonstram ainda mais a rápida adoção da figura jangadeiro como folclore nordestino. Assis Chateaubriand contratou Câmara Cascudo para escrever um estudo etnográfico de jangadas e jangadeiros em 1954, resultando em um trabalho detalhado e altamente citado¹⁴⁷. Antônio da Silva Mello também incluiu uma descrição dos pescadores de Fortaleza em seus diários de viagem, enquanto Gustavo Barroso, em seu estudo do Ceará, afirmou: “A jangada, um pequeno palco por dimensão, mas imenso na grandeza de seus heróis, especialmente os anônimos pescadores nordestinos, é um objeto de

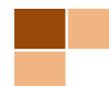
¹⁴³ On bravery, see Airton Amorim and Ze´ & Zilda, ‘Jangadeiro’ (Star, 191-b, 1950); Getúlio Alves, ‘Jangadeiro valente’ (Polydor, 259-b, 1958), available at the Arquivo Nirez, Fortaleza, Brazil. On difficulties of Northeastern life, see Tônico & Tinoco, ‘Jangadeiro’ (Continental, 16.697-b, 1953); Tia’o Carreiro & Carreirinho, ‘Jangadeiro cearense’ (RCA Victor, 80-2072-a, 1959), both available at the Arquivo Nirez, Fortaleza, Brazil.

¹⁴⁴ See, for example, Armando Castro and Vagalumes do Luar, ‘Jangadeiro cearense’ (Todamérica, TA-5.133-b, 1952); Vai jangada (Todamérica, TA-5.923-b, 1960), and this song from Minas Gerais: Sidney Más, Ai, Jangadeiro (Odeon, 13.117-a, 1951), all available at the Arquivo Nirez, Fortaleza, Brazil.

¹⁴⁵ See, for example, ‘“Jangadeiros” um quadro de sucesso do prof. Martim Lima’, *Gazeta de Notícias*, 20 May 1942; Jean Manzon, *Flagrantes do Brasil* (Rio de Janeiro, [194-]); Nearco Barroso Guedes de Araújo, *Jangadas* (Fortaleza, 1985); Raimundo Cela, *Jangadeiro arrastando a poita*, n.d., Coleção Raimundo Cela, Museu de Arte Contemporânea, Dragão do Mar, Fortaleza.

¹⁴⁶ See, for example, postcards in the following collections within Tulane University’s Latin America Library: ‘Rio de Janeiro, Ouro Preto, Bahia, São Paulo, etc. postcards and snapshots’, Brazil 1956, maço 2, Carol Edward Mace Photograph Collection; Box 2, Ronald Hilton Collection of Photographs of Latin America, 1950s; Boxes 1 and 2, Ronald Hilton Collection of Postcards of Latin America, 1952–1956.

¹⁴⁷ Cascudo, *Jangada*.



distinção em nosso folclore, em nossa poesia, em nossa ficção e em nossa história”¹⁴⁸. Florival Seraine, em seu trabalho sobre o folclore cearense, descreveu a música e a dança dos pescadores e considerou-os um dos três tipos cearenses: o jangadeiro, o caubói ou agricultor, e o operário da cana¹⁴⁹. Ernani Silva Bruno sentiu-se compelido a incluir uma página sobre jangadeiros em uma coleção de livros de bolso no Brasil¹⁵⁰. Os pescadores tornaram-se um arquétipo do folclore nordestino, considerado necessário para o estudo antropológico da região.

Ao longo das décadas de 1950 e 1960, novas tecnologias de pesca começaram a chegar ao litoral nordestino, novamente provocando o desejo de registrar a linguagem e o estilo de vida dos pescadores tradicionais. Em 1962, um artigo no periódico pernambucano *Jornal do Commercio* expressou a preocupação de que "as tradicionais *jangadas* deixarão a paisagem da costa nordestina, substituídas por modernos barcos motorizados". Além disso, alertou este jornal, os próprios pescadores teriam que lidar com essas mudanças, inclusive aprendendo a usar novas tecnologias avançadas, como o radar supersônico¹⁵¹.

O Centro Regional de Pesquisas Educacionais (do qual Gilberto Freyre era diretor) encomendou um estudo, publicado em 1965, para entender como os pescadores do estado de Pernambuco estavam preparados para a mudança. O estudo preocupou-se com as mudanças enfrentadas pela comunidade pesqueira em Pontas de Pedra, após a chegada de novos tipos de embarcações e tecnologias à região, na medida em que se aproximava de uma fase industrializada¹⁵². Segundo este estudo, as mudanças mais rudimentares foram introduzidas por ricos turistas brasileiros, mas foram os navios japoneses, envolvidos na pesca em massa no litoral do Brasil, que o autor, Aguiar, identificou como tendo o potencial de forçar mudanças dramáticas nas comunidades pesqueiras¹⁵³. Relembrando os jornais que seguiram os pescadores de 1941, o estudo de Aguiar termina com um glossário de vocabulário e frases usadas pelos jangadeiros do nordeste brasileiro. Os termos não foram usados no estudo de Aguiar e, portanto, são desnecessários para entender o conteúdo. Em vez disso, este glossário sugeria a necessidade de estudar a língua, a cultura e o modo de vida dos pescadores antes que a modernidade os

¹⁴⁸ A. da Silva Mello, *Nordeste brasileiro: Estudos e impressões de viagem* (Coleção Documentos Brasileiros, lxxiii, Rio de Janeiro, 1953), 335; Gustavo Barroso, *A margem da história do Ceará* (Fortaleza, 1962), 21.

¹⁴⁹ Florival Seraine, *Folclore Brasileiro: Ceará* (Rio de Janeiro, 1978), 8, 27.

¹⁵⁰ Ernani Silva Bruno, 'Jangada', n.d., ESB(2)2, Instituto de Estudos Brasileiros, Univ. de São Paulo, São Paulo.

¹⁵¹ Levy Cruz, 'Prefácio', in Aguiar, *Mudanças em um grupo de jangadeiros de Pernambuco*, 17. Cruz refers to an article from *Jornal do Commercio*, 28 Apr. 1962.

¹⁵² Aguiar, *Mudanças em um grupo de jangadeiros de Pernambuco*, 21.

¹⁵³ *Ibid.*, 16, 100–1.



afastasse. O mundo exterior - por cosmopolitismo, globalização ou avanço tecnológico - ameaçava constantemente o Nordeste.

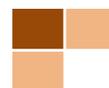
Uma dissertação de mestrado sobre o samba popular, do Departamento de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, citou uma música de Dito Felix que terminou com a fala repetida, "nosso samba é uma homenagem ao esquecido Jacaré". Neste estudo, "Jacaré" é entendido como sendo um nome representando um pescador genérico¹⁵⁴. Escrito numa canção sobre pescadores, no entanto, é sem dúvida uma referência ao nosso Jacaré, Manuel Olímpio Meira, que liderou a viagem de 1941 e morreu durante a produção de *It's All True*. Essa amnésia cultural ganha mais significado quando lida ao lado de um artigo produzido dias antes de os pescadores chegarem ao Rio. Em 11 de novembro de 1941, Edigar de Alencar escreveu sobre os pescadores cearenses: "Não memorizei seus nomes nem lembro agora de seus apelidos. Mas eles não devem ser chamados pelos seus nomes. Eles não pertencem a eles. Eles se tornaram despersonalizados. Eles são apenas jangadeiros. Símbolos da alma heroica e destemida do Ceará"¹⁵⁵. As canções, interpretações folclóricas, imagens e estudos antropológicos discutidos acima sugerem que Alencar sentiu em 1941 o início de um processo que mesclou a figura rústica e pré-moderna do jangadeiro com a noção de um Estado moderno e a difusão da tecnologia, criando um símbolo folclorizado e despersonalizado do Nordeste. Os pescadores ofereciam um atalho para jornalistas e artistas quando se referiam à região Nordeste, atribuindo a ele características físicas e sociais, e combinando o discurso da seca e do sofrimento com a figura robusta e resistente do jangadeiro. No entanto, como Ernest Renan e Benedict Anderson salientaram, para serem lembrados e se tornarem representativos, certas características também tiveram que ser esquecidas: a organização do trabalho; seu desejo de ir além de um lugar de rusticidade; sua ressonância racial, social e política; e, eventualmente, seus nomes e sua existência individual¹⁵⁶.

Este episódio envolvente oferece muitos ângulos para examinar a história do Brasil. Acadêmicos de história do cinema a historiadores do trabalho têm observado estes eventos para iluminar questões como o pan-americanismo, as leis trabalhistas e as técnicas de filmagem. Estudar o protesto de 1941 dos pescadores e a visita de Orson Welles ao Brasil produz resultados

¹⁵⁴ Sinesio Jefferson Andrade Silva, 'Memória dos sons e sons da memória: uma etnografia musical da Mare' (Univ. Federal de Rio de Janeiro MA dissertation, 2009).

¹⁵⁵ Alencar, 'Os jangadeiros cearenses'.

¹⁵⁶ Ernest Renan, *Qu'est-ce qu'une nation?*, 2nd edn (Paris, 1882), 7, 9; Anderson, *Imagined Communities*, ch. 11 (1991 edition).

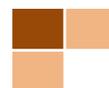


tão ricos, não só porque é divertido, mas devido ao seu timing; localizado metodicamente dentro do Estado Novo, imediatamente antes do ataque a Pearl Harbor e as subsequentes declarações de guerra dos Estados Unidos e do Brasil, e precedendo a década que o historiador brasileiro Carlos Guilherme Mota descreveu como dedicado a consolidar as ideologias nacionais forjadas anteriormente¹⁵⁷. Entre essas ideologias nacionais está uma das mais duradouras: o Brasil é uma nação composta de regiões inter-relacionadas, cada uma oferecendo suas próprias contribuições étnicas e culturais à identidade nacional brasileira. No entanto, essa ideologia empresta ao nacionalismo brasileiro algo que vai além da cultura: a narrativa regional se torna uma ferramenta para descrever (e, portanto, justificar) as desigualdades no desenvolvimento político e econômico brasileiro, delineando quais regiões são bem-sucedidas em termos de brancura de seus imigrantes, da industrialização de suas economias ou o frescor dos seus passados. Essas qualidades, é claro, só têm significado se justapostas ao contexto regional; isto é, contra a região agrícola de pele escura da colonização brasileira: o Nordeste.

Estudar a viagem de 1941 dá uma perspectiva sobre as origens da folclorização do Nordeste brasileiro através da história dos pescadores. No entanto, examinar como a narrativa em torno dos pescadores mudou quando a história se tornou internacional (isto é, uma vez que tanto a *Time* quanto Orson Welles a notaram) mostra como as descrições de identidade regional e valor regional podem mudar drasticamente à medida que avançam em escalas geográficas definidas socialmente. Embora os pescadores e sua região não fossem considerados modelos econômicos em 1941, eram vistos como fornecedores de uma figura brasileira idealizada no cenário nacional. Contudo, não o foram até que os pescadores escolheram atuar no filme de Orson Welles, potencialmente representando não apenas seu estado e região, mas também a nação, em um cenário internacional. Foi neste momento que eles caíram em desgraça na imprensa brasileira, recebendo críticas por sair de seus lugares raciais e regionais socialmente definidos, à medida que assumiam sua representação regional além da nação. Ao saírem de seus espaços folclóricos, abordando não apenas a modernidade, mas o cosmopolitismo, saíram da narrativa nacional, sendo lembrados apenas sob anonimato.

Enquanto esta história é particular, a narrativa subjacente não é única. Durante o início do século XX, folcloristas de todo o mundo registraram as músicas, lendas, receitas e figuras arquetípicas de regiões cujas culturas eles consideravam estar em risco de modernização e

¹⁵⁷ Carlos Guilherme Mota, *Ideologia da Cultura Brasileira (1933–1974)* (São Paulo, 1977), 195.



consumo de massa. Gilberto Freyre comparou seu trabalho regional com o de seus amigos no Sul dos Estados Unidos, na Irlanda, na França e na Finlândia¹⁵⁸. Antonio Gramsci escreveu sobre a 'Questão Sulista' na Itália, Jean Charles-Brun e André Varagnac escreveram sobre região e cultura na França, Francis Butler Simkins escreveu sobre os Estados Unidos do Sul e Mariátegui escreveu sobre o regionalismo no Peru¹⁵⁹. Intelectuais foram apenas uma parte desse processo. Identidades regionais em todo o mundo forneceram uma maneira para diferentes grupos de pessoas, em nível local, mediar a relação entre região, nação e mundo. Desta forma, a história dos quatro pescadores e Orson Welles é também a história de como diferentes grupos ao redor do mundo situaram culturas regionais - muitas vezes definidas em termos econômicos e raciais - dentro da nação e do mundo no século XX.

¹⁵⁸ The best example of this is Gilberto Freyre, 'Manifesto regionalista de 1926', *Boletim do Instituto Joaquim Nabuco* i, 1 (1952). For more on Freyre's interactions with regionalists around the world, see Campbell, 'The Brazilian Northeast', ch. 1.

¹⁵⁹ Antonio Gramsci, 'The Southern Question', in *The Modern Prince and Other Writings*, trans. Louis Marks (London, 1957); Jean Charles-Brun, *Le régionalisme* (Paris, 1911); André Varagnac, *Civilisation traditionnelle et genres de vie* (Paris, 1948); Francis Butler Simkins, *The South Old and New: A History 1820–1947* (New York, 1947); Francis Butler Simkins, *The Everlasting South* (Baton Rouge, 1963); José Carlos Mariátegui, 'Regionalismo y Centralismo', in *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana* (Caracas, 1995).

